

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC LUCIANO LEONARDO GUIMARÃES ROCHA

O 11 DE SETEMBRO DE 2001:
e a campanha militar estadunidense no Afeganistão.

Rio de Janeiro

2020

CC LUCIANO LEONARDO GUIMARÃES ROCHA

O 11 DE SETEMBRO DE 2001:
e a campanha militar estadunidense no Afeganistão.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (Refº) Luiz Carlos de C. Roth

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela saúde e por todas as graças alcançadas.

À minha amada esposa Simone, pelo incentivo e irrestrita compreensão de correntes de minhas ausências durante esse período de estudo.

Ao meu amado filho Gustavo, por sua alegria e carinho, essenciais na elaboração deste trabalho.

Ao Capitão de Mar e Guerra (Ref^o) Luiz Carlos de Carvalho Roth, meu orientador, pela constante disponibilidade e pelos valiosos conselhos e observações na busca do aprimoramento desta pesquisa.

RESUMO

A relevância do estudo do Terrorismo reside no fato de que este tema pode proporcionar severos danos à vida humana e à segurança dos Estados. Assim, para melhor entendimento e combate do fenômeno, devemos levar em consideração os impactos causados à sociedade global. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar a campanha militar estadunidense, realizada no Afeganistão entre os meses de outubro a dezembro de 2001, e confrontá-la com a Teoria de Coerção de Robert A. Pape. De modo a alcançar esse objetivo, foi realizada pesquisa, documental e bibliográfica e apresentados argumentos, a fim de identificar se as ações conduzidas pelos EUA naquele país possuem sintonia com a referida teoria. Durante esta pesquisa identificamos as principais razões para os atentados de 11 de setembro de 2001 em território norte-americano, além de uma breve história do Afeganistão, bem como a sua relação com o Talibã e rede terrorista Al-Qaeda.

Palavras-chave: Terrorismo. Campanha militar. Teoria de coerção, Robert A. Pape.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OS ATENTADOS TERRORISTAS DE 11 DE SETEMBRO DE 2001	7
2.1	A INCESSANTE BUSCA PELO PODER	7
2.2	EXISTE UMA DEFINIÇÃO PARA TERRORISMO?	8
2.3	FASES DO TERRORISMO	10
2.4	UM DIA PARA A HISTÓRIA	11
3	A RESPOSTA NORTE-AMERICANA AO TERRORISMO	15
3.1	AFEGANISTÃO, UMA TERRA ARRASADA?	15
3.1.1	Um mergulho recente no passado	15
3.1.2	Perspectiva contemporânea	17
3.2	UMA COMBINAÇÃO EXPLOSIVA	19
3.3	O PLANEJAMENTO E A EXECUÇÃO	23
4	A TEORIA E O SEU RESULTADO	32
4.1	A TEORIA DE COERÇÃO DE PAPE	32
4.2	SIMILARIDADES À TEORIA DE COERÇÃO DE PAPE	36
5	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O terrorismo está presente há séculos na história da humanidade e sempre despertou a atenção das pessoas pelo seu caráter repentino e dramático. Motivado por diversas causas, dentre elas as políticas e religiosas. Esse fenômeno por vezes é entendido como a estratégia do mais fraco em se contrapor ao mais forte. Regularmente, manifestam-se por meio de sequestros, assassinatos e brutalidades, em sua grande maioria de forma inesperada, contra pessoas inocentes e alvos simbólicos estatais.

Normalmente suas formações vão desde modestos grupos a grandes organizações, que buscam fixar-se em regiões onde é marcante a ausência do poder do Estado. Isso possibilita o financiamento de sua infraestrutura, por intermédio de esquemas de lavagem de dinheiro e práticas de atividades ilícitas, como por exemplo, o tráfico de drogas e o contrabando de armamentos. Adiciona-se ainda o fato de contribuir para cooptação de elementos com o objetivo de cumprirem suas tarefas específicas.

Entender o terrorismo como uma espécie de conflito assimétrico¹ que causa severos danos à vida humana e à segurança governamental é relevante para este estudo. Assim sendo, para o combate a esse problema “invisível” devemos considerar os impactos provocados à sociedade em um contexto global.

Dessa forma, este trabalho se propõe a responder o seguinte questionamento: o ataque ao Afeganistão realizado pelos Estados Unidos da América (EUA) em resposta ao atentado de 11 de setembro de 2001, teria aderência à teoria da “Coerção” de Pape?

Para responder a esse questionamento, faremos uso de bibliografias e pressupostos históricos relevantes sobre o tema, a fim de facilitar nossa compreensão. Desta forma, a ofensiva militar dos EUA será delimitada às ações ocorridas entre os meses de outubro a dezembro de 2001. Neste trabalho acadêmico, utilizaremos o desenho de pesquisa

¹ Quando um exército regular defronta-se com uma força irregular no campo de batalha.

Teoria x Realidade, confrontando os ataques norte-americanos como os principais conceitos da teoria da “Coerção” de Pape.

Para atingir o propósito indicado, além da introdução, o trabalho contém três capítulos de desenvolvimento e uma conclusão. No primeiro capítulo, abordaremos as razões para os atentados terroristas em solo estadunidense, em setembro de 2001, por integrantes da rede terrorista da Al-Qaeda². No segundo capítulo, explicaremos a sistemática da ofensiva militar norte-americana, levando em consideração o Afeganistão como um ambiente propício para eternas disputas. No terceiro, categorizaremos o entendimento de Robert A. Pape, no que tange à Estratégia de Coerção, bem como a confrontação desta com a campanha militar norte-americana. E posteriormente o trabalho será concluído procurando responder ao questionamento proposto.

² Rede terrorista formada por Osama bin Laden (1957-2011) no fim da década de 1980. Dentre os principais atentados sob a autoria desta organização podemos citar: África (1998); Iêmen (2000); e EUA (2001) (MINGST, 2014).

2 OS ATENTADOS TERRORISTAS DE 11 DE SETEMBRO DE 2001

No presente capítulo, apresentaremos o fundamentalismo e o fanatismo, relacionando os dois conceitos, com os motivos que levam o homem a adotar determinados posicionamentos para com seu semelhante em busca da autoafirmação. Serão abordadas algumas definições sobre o terrorismo e sua ampla interpretação. Também buscaremos, a partir de pressupostos históricos, identificar as principais motivações para os atentados terroristas ocorridos nos EUA, em 11 de setembro de 2001.

2.1 A INCESSANTE BUSCA PELO PODER

O potencial biológico do ser humano o torna um ser vivo que necessita se defender e atacar constantemente para manter ou alterar o seu estado de satisfação. Dependendo da circunstância, ele pode se ver compulsado a destruir o seu próprio semelhante. O filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679) já dizia que o homem, por natureza, é um ser agressivo e invejoso devido ao seu desejo em obter algo que o satisfaça, o que o leva a torna-se o lobo do próprio homem.

A busca incessante pelo poder e pela autodeterminação leva o homem a cometer atos contra pessoas, símbolos ou instituições. Essas ações, por vezes extremas, podem ser encorajadas e amplificadas, quer seja por um fundamentalista, quer por um fanático.

O termo fundamentalismo foi inicialmente utilizado no início do século XX por protestantes norte-americanos para distingui-los dos demais cristãos considerados liberais, sob a acusação de distorcerem a doutrina cristã, em detrimento dos valores da modernidade (OLIVEIRA, 2019). O sociólogo espanhol Manuel Castells³ (1942-) entende que os movimentos fundamentalistas têm o objetivo de preservar a fidelidade religiosa afetada por

³ Manuel Castells é considerado o principal intelectual da sociedade contemporânea conectada. É professor nas áreas de sociologia, comunicação e planejamento urbano e regional. Castells investiga os efeitos da informação sobre a economia, a cultura e a sociedade em geral. Disponível em: <<https://www.fronteras.com/noticias/conheca-manuel-castells>>. Acesso em 13 jun.2020.

novos cenários sociopolíticos provocados pelas constantes transformações do mundo atual. Em sua visão, os fundamentalistas possuem como características a reação e a seletividade, priorizando a sua unidade e mantendo os demais à distância de suas fronteiras.

Já o fanatismo, conforme o pensamento do filósofo francês Voltaire (1694-1778), era uma superstição. Para ele, os fanáticos eram pessoas cegas e apaixonadas, que se envolviam em atitudes bárbaras e cruéis. Sentiam alívio e alegria quando praticavam atos aos quais acreditavam ser corretos.

Em síntese, ao refletirmos sobre os termos fundamentalismo e fanatismo, podemos concluir parcialmente que o primeiro remonta a dogmas, doutrinas e tradições, ao passo que o outro está relacionado ao estado de espírito e ao fator compulsivo do indivíduo. É possível identificar também uma clara conexão de ambos os conceitos com a violência, haja vista, que por divergências políticas, religiosas, ideológicas ou culturais, o ser humano pode ser capaz de chegar ao máximo da intolerância por meio de atitudes radicais e extremas, podendo encarar “seu diferente” como um inimigo a ser eliminado. Sendo assim, como poderíamos definir o terrorismo?

2.2 EXISTE UMA DEFINIÇÃO PARA TERRORISMO?

A palavra “terrorismo” origina-se da expressão Terror, cujo significado é o medo causado por uma perturbação grave, que pode ser trazida por um perigo imediato, real ou não⁴. No entendimento de Thomas Hobbes, a palavra terror era o medo por uma morte violenta e para o francês Robespierre (1758-1794), não era nada mais do que uma justiça instantânea, implacável e extremamente rígida.

Com diferentes pontos de vista para um mesmo termo, já é possível percebermos a imensa complexidade que circundam o terrorismo. Como resultado, podemos entender as

4 Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/terror>>. Acesso em 25 abr. 2020.

razões para a existência de diversas percepções sobre o tema.

A Enciclopédia Britânica define o terrorismo como sendo o uso calculado da violência para criar um clima geral de medo em uma população e, assim, alcançar um objetivo político específico⁵.

Schmid comenta que, no mesmo ano, o Professor Predrag Cicovacki⁶ (1960-) considerou que o terrorismo tinha como alvo pessoas inocentes e civis, e consistia na vontade de aterrorizar e de matar, caso fosse necessário.

Por sua vez, para o Departamento de Defesa dos EUA, o terrorismo é entendido como: o uso ilegal da violência ou sua ameaça, para instigar medo e coagir governos ou sociedades. O terrorismo é frequentemente motivado por crenças religiosas, políticas ou ideologias comprometidas na busca de objetivos que geralmente são políticos.

Por se tratar de um conceito extenso e contestado, o terrorismo normalmente está relacionado ao ponto de vista daquele que o define. Isso fica evidente nas palavras do então presidente do Líbano, Emile Lahoud (1935-), durante uma reunião entre diplomatas em 2004, e divulgada pela emissora *Al Jazeera*. Na ocasião, Lahoud afirmou que não bastava declarar guerra ao terrorismo sem que houvesse uma explicação e definição precisa sobre o tema.

Dessa forma, verificamos que não existe uma definição universalmente aceita entre Acadêmicos, Estados e Instituições, porém fica evidente que a ameaça da violência ou seu efetivo emprego, seja uma característica de comum acordo entre grande parte dos estudiosos. Cabe salientar que, como qualquer fenômeno, o terrorismo não se revela como algo estático, e sim em constantes transformações ao longo da história.

Neste trabalho, adotaremos a definição de terrorismo segundo Walter Laqueur (1999), que entende como o emprego sistemático da violência, ou a ameaça de usá-la, por

⁵ Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/terrorism>>. Acesso em 21 jul. 2020.

⁶ Professor de filosofia especializado em assuntos como: filosofia de guerra e paz e ética. Geralmente suas pesquisas concentram-se nos trabalhos de Kant, Hartmann e Gandhi. Disponível em: <<https://www.holycross.edu/academics/programs/philosophy/faculty/predrag-cicovacki>>. Acesso em 17 jun. 2020.

parte de entidades menores, a fim de instaurar o terror na sociedade, desestabilizar um governo e produzir uma mudança política.

2.3 FASES DO TERRORISMO

Atualmente, o terrorismo representa uma grande ameaça à segurança internacional, e pode tornar-se cada vez mais perturbador em função dos avanços tecnológicos e da disponibilidade de Armas de Destruição em Massa (ADM). Em um mundo cada vez mais globalizado⁷ e interconectado, em que o fluxo de informações se propaga rapidamente com um expressivo alcance, o terrorismo poderá explorar e potencializar a sua principal característica, o seu caráter midiático em prol de uma causa.

A globalização e as redes sociais operam como um agente facilitador do terror. À medida que tornam ostensivas as desigualdades políticas, econômicas e sociais entre os Estados, permite uma livre circulação de pessoas e difusão de armas e materiais ilícitos, além de reduzir as distâncias físicas entre civilizações.

Como todo fenômeno, o terrorismo evolui e se transforma ao longo do tempo. Walter Laqueur afirma que ele é um resultado do *zeitgeist*⁸ da época em que é empregado. Contudo é Rapoport (2006) que, por meio de sua *Teria das Quatro Ondas*, que discorre sobre o desenvolvimento do terrorismo e seus diferentes *modus operandi*, em que são apresentadas as motivações e argumentos para os respectivos atos e alvos em cada uma de suas fases específicas.

A característica principal da primeira fase do terrorismo, compreendida entre os anos de 1870 a 1920, foi o anarquismo, sendo o período marcado por assassinato de inimigos políticos.

⁷ A globalização política, econômica e cultural, provocada pela ascensão dos meios de comunicação, confrontam a soberania e o poder do Estado (MINGST, 2014).

⁸ Espírito do Tempo - Um conjunto geral de ideias, crenças e sentimentos, que são típicos de um determinado período na história. Também chamado de espírito da época. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/zeitgeist?q=Zeitgeist>>. Acesso em 20 de jun.2020.

A segunda fase (1920-1960) possuiu como peculiaridade os movimentos locais de independência das ex-colônias inspirados em ideais nacionalistas. Seus alvos consistiam em ataques a policiais e militares.

A terceira fase (1960-1980) tem como principais características ataques a símbolos, sequestros que proporcionassem publicidade e o surgimento dos movimentos de esquerda, com destaque para os grupos terroristas IRA⁹ e ETA¹⁰.

A quarta e última fase (1980) é marcada pela redução do número de grupos terroristas, porém inseridos em uma estrutura organizacional mais preparada. Nessa fase, merece destaque o crescente número de ataques suicidas, acompanhado do advento dos efeitos religiosos em movimentos políticos violentos.

Após uma contextualização e uma breve análise das fases do terrorismo, enfatizaremos a quarta fase, onde estão inseridos os atentados terroristas ocorridos em solos norte-americanos em 11 de setembro de 2001. Dessa forma, poderemos compreender as principais motivações para os aludidos atos.

2.4 UM DIA PARA A HISTÓRIA

Na manhã do dia 11 de setembro de 2001, quatro aeronaves comerciais foram sequestradas por terroristas muçulmanos com o objetivo de serem utilizadas em ataques suicidas no território norte-americano.

Em Nova Iorque, duas delas foram lançadas contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, consideradas um dos maiores símbolos do poder econômico norte-americano e do capitalismo mundial. A cerca de 300 km dali, em Washington, o terceiro avião colidia contra o prédio do Departamento de Defesa dos EUA e, por fim, o último avião caiu na Pensilvânia sem atingir seu alvo.

9 Grupo que apresenta uma posição religiosa extrema, com o propósito de proteger os católicos da Irlanda do Norte em sua luta contra o governo protestante britânico (MINGST, 2014).

10 Grupo separatista basco que busca sua autonomia em relação a Espanha (MINGST, 2014).

Essas ações, além de atingirem alvos psicológicos, provocaram a morte de mais de 3.000 pessoas e deixaram dezenas de feridos (VISACRO, 2009). O grupo terrorista Al-Qaeda assumiu a autoria dos atentados, e a transmissão das imagens em tempo real para milhares de países desencadeou uma imensa repercussão a nível global.

Sob o ponto de vista do terrorismo, podemos também afirmar que esse atentado realizado pela rede liderada por Bin Laden, revestiu-se de completo sucesso, uma vez que símbolos econômicos e militares da potência hegemônica mundial tinham sido atingidos em apenas um único dia. A rápida e simultânea divulgação das cenas pela mídia ratificou ainda mais esse triunfo. Então, podemos nos perguntar, o que justificaria tamanha brutalidade contra pessoas inocentes e símbolos institucionais de um Estado?

A década de 1990 é marcada pelo ressurgimento, no Mundo Árabe¹¹ e Muçulmano, do terrorismo religioso com raízes pautadas no fundamentalismo islâmico (LAQUEUR, 1999). Para os muçulmanos, o islamismo era visto como a única fonte de desenvolvimento, esperança e solução para todos os problemas enfrentados por eles.

Nesse sentido, podemos identificar alguns óbices enfrentados pelos países do Oriente Médio¹² e, com isso, apontar alguns motivos que fundamentam a estagnação da maioria deles. Dentre elas destacamos: a perene luta dos países em busca da autodeterminação; os constantes desafios para com seus conflitos internos; a falta de perspectiva e de progresso, principalmente nos campos econômicos e sociais; a forte ideologia política nacionalista de seus governos ditatoriais; e as hostilidades em relação às ideias e costumes ocidentais. Portanto, podemos identificar que todos esses fatores concorreram para

11 Mundo Árabe compreende aqueles países e povos que adotaram a língua árabe. Já o Mundo Islâmico, diz respeito à religião. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/cultura-arabe/>>. Acesso em 29 jun.2020.

12 Região em torno das áreas sul e leste do mar Mediterrâneo englobando os países situados na confluência de três continentes: a Europa, a Ásia e a África, sendo composto por: Afeganistão, Arábia Saudita, Barein, Qatar, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Omã, Síria, Sudão e Turquia. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Oriente-M%C3%A9dio/481903>>. Acesso em 29 jun. 2020.

aumentar ainda mais a já existente desigualdade entre o Oriente e o Ocidente.

Em contrapartida, a política externa de Washington para o Oriente Médio estava voltada para a obtenção de matérias-primas, em especial o petróleo, e para a contenção dos atores locais, por meio de retaliações àqueles que pudessem desestabilizar os interesses norte-americanos. Esse conjugado, de certa forma, não permitia aos EUA abrir mão de sua presença na região.

Ademais, os EUA mantinham significativas influências na região através do estreito laço com Israel, no apoio ao governo saudita e por intervenções e participação de tropas militares norte-americanas na região, com destaque para a primeira Guerra do Golfo (1991). Contudo, a imprevisibilidade e o alto grau de impacto dos atentados de 2001, motivaram os EUA a continuar presente no Oriente, porém com outro pretexto. Agora, sua atenção volta-se ao Islã em sua forma fundamentalista e fanática.

O cientista político norte-americano Samuel Huntington (1927-2008) parece ter acertado em suas previsões, quando previu o “choque de civilizações”, em 1996. Uma de suas análises notou a existência de uma guerra em andamento, justificada pela alegação dos muçulmanos que o Ocidente fazia guerra contra o Islã e a recíproca alegação dos ocidentais de que grupos islâmicos faziam guerra contra o Ocidente.

Nas próprias palavras do líder da Al-Qaeda, Osama bin Laden, podemos identificar a crueldade enraizada, pois ao referir-se aos EUA, o mesmo diz que em caso de um ataque, não haveria necessidade em diferenciar militares ou civis, pois para ele, o fato de ser americano já os caracterizavam como alvos (SCHMID, 2011). Esse sentimento de aversão é reafirmado durante reportagem publicada pelo jornal *The New York Time* em 08 de outubro de 2001. Bin Laden aproveita a oportunidade para realizar uma similaridade entre o pânico vivido nos EUA, em consequência dos atentados de 11 de setembro de 2001, e a situação que a nação islâmica já experimentava há mais de 80 anos, sendo constantemente submetida à

humilhação e mergulhada em profunda desgraça.

Pelas ideias apresentadas, temos a tendência em concluir que, se porventura os países do Oriente Médio fossem mais ricos e poderosos, com sua população gozando de maior liberdade de expressão, vivendo em melhores condições de vida e com acesso à educação e saneamento básico, eventualmente haveria menos ressentimento e um menor senso de inferioridade em relação à América. Entretanto, não podemos deixar de considerar as peculiaridades inerentes à cultura muçulmana, especialmente quanto ao Islã como um estilo de vida. Esse antagonismo entre duas culturas tão distintas impossibilita que ambas possam coabitar em um mesmo espaço físico.

Além disso, a presença assídua de Washington em assuntos afetos à região colaborou para acirrar ainda mais o sentimento de ódio entre estas civilizações. Sendo assim, parte dos muçulmanos pode ter utilizado o Islã em sua forma fundamentalista, fanática e violenta, para “encurtar” tal distância, com o propósito de chamar a atenção mundial para a situação de abandono e submissão aos quais se encontravam. A isso, adiciona-se que, uma combinação de bases militares, campos petrolíferos e extremistas comprometidos, dificilmente será uma relação que logrará êxito.

3 A RESPOSTA NORTE-AMERICANA AO TERRORISMO

Neste capítulo analisaremos o triângulo “Afeganistão x Talibã x Al-Qaeda” para possibilitar o entendimento da ofensiva norte-americana. Serão abordados os principais fatores históricos e contemporâneos afegãos de modo a facilitar o entendimento para um ambiente hospedeiro para a prática de atividades ilegais. Analisaremos o regime autoritário do Talibã e sua relação com a rede terrorista Al-Qaeda e, por fim, a campanha utilizada por Washington para se contrapor a essa ameaça.

3.1 AFEGANISTÃO, UMA TERRA ARRASADA?

Localizado no continente Asiático, o Afeganistão faz fronteiras com seis países, merecendo destaque o Paquistão a leste, a oeste o Irã e uma pequena área a nordeste com a China. Por estar inserido estrategicamente na rota de conquista¹³ entre a Ásia Central e o Oriente Médio, o Afeganistão foi palco de abundantes períodos de conflitos e perturbações ao longo de sua história.

3.1.1 Um mergulho recente no passado

Iniciaremos uma análise histórica sobre o Afeganistão a partir da conquista de sua independência política em 1919, após quase seis décadas de intensas disputas contra o Império Britânico. É então que Amanullah Khan (1892-1960) torna-se Rei e promove um conjunto de transformações que foram acompanhadas de fortes políticas de modernização (RUNION, 2007), porém essas iniciativas não representaram para o país o crescimento e a prosperidade almejada.

Em 1973, o Rei Zahir Shah (1914-2007) é derrubado e exilado e por consequência o Primeiro Ministro Mohammed Daoud (1909-1978) assume o poder e instaura a República

¹³ Rota que ao longo da história da humanidade serviu como conexão terrestre e integração comercial entre Oriente e do Ocidente (VISACRO, 2009).

do Afeganistão. Durante seu período como Presidente, a interação de Daoud com a ex-União Soviética e os comunistas afegãos fora gravemente afetada em virtude do afastamento do país da ideologia marxista-leninista (RUNION, 2007). Daoud então rompe laços políticos, econômicos e militares com os soviéticos em detrimento do apoio financeiro de países como: Arábia Saudita; Iraque e Kuwait. Da Índia passou a chegar o seu apoio militar e do Irã os recursos necessários ao seu desenvolvimento econômico.

O ano de 1979 é marcado pela invasão da então União Soviética ao território afegão (RUNION, 2007). O principal argumento soviético para o conflito era o de apoiar o regime comunista local no combate aos grupos rebeldes, que pretendiam instaurar um governo submetido aos interesses dos fundamentalistas islâmicos.

Após pouco mais de nove anos, e depois de sofrerem excessivos desgastes contra a guerrilha islâmica, as tropas soviéticas deixam o país, em fevereiro de 1989, sob forte pressão da opinião pública internacional e do pedido do povo soviético para que o país abandonasse o conflito (RUNION, 2007). O final da guerra foi considerado uma vitória não só afegã, mas também norte-americana, pois estes defendiam seus incansáveis ideais na região.

A consolidação estatal, porém, não acompanhou o triunfo alcançado no conflito. Logo em seguida, o Afeganistão passa a ser devastado por intensas disputas internas pelo poder, que se prolongaram entre os anos de 1989 a 1992, durante a chamada Guerra Civil Afegã.

Em 1992, simultaneamente com a saída do então presidente Mohammad Najibullah, ocorre o colapso do regime comunista no país. E com a tomada da capital Cabul pelos rebeldes, é declarado o Estado Islâmico do Afeganistão (RUNION, 2007).

Durante um curto período de união entre as inúmeras facções rivais que compunham o novo parlamento, são retomadas as dissidências internas resultando na

destruição de quase todas as cidades, no alto índice de pobreza e na morte de milhares de afegãos. Ademais, grande parte da ajuda externa que chegava ao país por meio de alimentos e medicamentos foram desviados e utilizados com fins comerciais pelo poder paralelo¹⁴.

Esse cenário de caos e falta de esperança nacional permite, em meados da década de 1990, a ascensão política de um grupo radical islâmico conhecido como Talibã (RUNION, 2007). Com a causa de lutar para libertar o país da corrupção, prover melhorias aos afegãos, após anos de sofrimento por intermédio de um estilo de vida baseado no Islã. O grupo chega ao poder do Afeganistão em 1996.

3.1.2 Perspectiva contemporânea

Geograficamente o país é dividido em três regiões, a saber: ao norte, pela chamada terra de pastagem; ao sul, por um improdutivo deserto e na seção central encontram-se a maior parte das cadeias de montanhas, sendo estas, uma das características geográficas mais relevantes do solo afegão. Com um clima temperado continental, o Afeganistão apresenta tanto o inverno quanto o verão extremamente rigorosos, onde o período de seca está compreendido entre os meses de junho a setembro.

A estrutura populacional do Afeganistão é bem heterogênea, formada em sua grande maioria por nômades e tribos de diferentes etnias, o que ajuda a entender a intensa hostilidade e rivalidades históricas que assolam internamente o país (RUNION, 2007). Em que pese a possibilidade do Islã ser utilizado como um elemento de conciliação nacional, já que a maior parte da população professa esta mesma fé, isoladamente, ele não conseguiu ser o instrumento capaz o suficientemente para garantir a integração e o fortalecimento da unidade nacional dos afegãos.

Predominantemente rural, o Afeganistão convive com severas dificuldades

¹⁴ Aquilo que é necessário para assegurar o funcionamento de uma economia ilegal e informal. Aquele que aplica o “poder paralelo”, utiliza-se da violência como forma coercitiva para impor sua vontade (BINGEMER e JÚNIOR, 1996).

econômicas e ainda vê sua principal atividade esbarrar em alguns problemas (RUNION, 2007). Dentre eles, podemos citar a improdutividade de grande parte do solo afegão e o rendimento gerado pela plantação da papoula, que acirra ainda mais a disputa por espaço com outros insumos agrícolas.

No primeiro caso, encontramos justificativas em decorrência da seca e dos resquícios de milhares de minas terrestres espalhadas em diversas províncias do país em virtude da invasão soviética em 1979. No segundo, a papoula é utilizada como matéria-prima para a produção de heroína e ópio, que servem para abastecer grande parte do tráfico internacional de drogas. Logo, este lucrativo negócio não só impossibilita o agricultor de se dedicar ao cultivo de outros produtos, como também serve de fonte para aumentar os rendimentos das atividades terroristas no país.

Como resultado, o Afeganistão é um exímio importador de bens e serviços e totalmente dependente do apoio externo. Assim, esse contraste o coloca entre um dos países mais pobres do mundo e sua população permanece sobrevivendo com a falta de assistência médica, elevadas taxas de desemprego e altíssimos índices de analfabetismo.

Ao compararmos o conceito de “estratégia de terra arrasada”, deflagrada por Stalin (1878-1953) em 1941, durante a invasão Alemã de Hitler (1889-1945) à União Soviética, conforme aponta Magnolli (2006), com a conjuntura do Afeganistão apresentada, identificamos uma restrita similaridade. Stalin pediu a todos que resistissem aos invasores e, caso não fosse possível, que se retirassem levando consigo todos os seus pertences ou que destruíssem tudo aquilo que porventura pudesse vir a ser empregado pelos nazistas.

Analogamente, o Afeganistão enfrenta numerosos obstáculos e desafios em sua infraestrutura. A começar por uma economia e um potencial de desenvolvimento em ruínas, que refletem diretamente o castigo imposto pela sua peculiar geografia. Suas constantes guerras são proporcionalmente fundamentadas pela ausência de um governo central

comprometido e promissor, agravadas pelas diferenças de valores culturais e étnicos entre as mais variadas tribos que habitam o país.

Isso posto, é notório que o país é imposto a viver em sua própria essência e exposto a própria sorte. Esse contexto converte o Afeganistão em um ambiente hospedeiro somente para àqueles que, com interesses individuais, possam se aproveitar da situação em que se encontra o país e buscar de alguma forma impor suas vontades contrariando as ambições coletivas dentro de um Estado devastado estruturalmente.

3.2 UMA COMBINAÇÃO EXPLOSIVA

Como comentado, a anarquia instaurada no país possibilitou a formação de um movimento constituído por “estudantes de religião”, formados em escolas islâmicas paquistanesas, conhecido como Talibã e que chegou ao poder em 1996(VISACRO, 2009).

Partilhando de ideologias afins com o Paquistão e na expectativa de prover uma segurança política aos afegãos, o Talibã foi exaustivamente preparado, financiado e armado com o apoio do governo de Islamabad (RUNION, 2007). De acordo com Walter Laqueur, dentre os grupos que professam o Islã, o Talibã é o que ocupa o campo mais fanático. Tal característica coaduna com o comportamento compulsivo e com o estado de espírito de seus integrantes e admiradores.

A coragem da juventude afegã era um dos principais artifícios em busca da união nacional e de um horizonte melhor para seu povo, que fora massacrado por longos períodos de guerras e injustiças. Com isso, a admiração ao Talibã ganhou vários adeptos, inclusive de estudantes paquistaneses que cruzaram a fronteira para se unir aos afegãos (RUNION, 2007). Esses jovens podem ter influenciado a nova geração de idealizadores durante a Primavera Árabe¹⁵, não no que se refere à violência e religião, mas sim, por inflamar uma juventude

¹⁵ Em 2010, uma série de manifestações populares ocorridas em alguns países do Norte da África e Oriente Médio, tais como: Egito, Líbia, Iêmen, Barein e Síria, conseguiram derrubar um ditador de longa data por meio de um levante popular.

comprometida a lutar por melhores condições de vida.

Para Runon (2007), o Talibã, liderado por Mohammad Omar, tinha como principal objetivo valer-se da extrema obediência às leis islâmicas, consideradas radicais até mesmo para os modelos fundamentalistas e, com isso, levar esperança e extinguir o sofrimento enfrentado há anos pelo povo afegão. Na sua visão, isso seria possível por meio do desenvolvimento de um conjugado político-religioso. Segundo analisa o jornalista norte-americano Stephen Kinzer (1951-), essa forte devoção ao Islã e as formas violentas de atuação do Talibã, podem ter sido inspiradas na atuação dos heróis revolucionários iranianos durante o Golpe de Estado ocorrido naquele país em 1953 (VISACRO, 2009).

Ao assumir o poder, o Talibã determinou a extinção do comércio de drogas no país (RUNION, 2007). Mas, rapidamente, notou que o cultivo e a venda de entorpecentes eram preponderantes tanto para o financiamento de suas atividades, quanto para a recuperação da arruinada economia afegã.

Segundo Laqueur (1999), como forma de manter em funcionamento esse vantajoso negócio, o Talibã interpretou que, à luz de sua religião, a produção e o comércio de drogas estariam isentos de qualquer desobediência aos dogmas islâmicos, enquanto o caráter proibitivo destinava-se apenas aos afegãos que faziam o consumo delas mesmas. Isso possibilitou ao país tornar-se um dos maiores centros de distribuição de ópio mundial e ao mesmo tempo, mantendo o controle logístico das principais estradas de acesso ao Paquistão, pôde escoar com facilidade seus narcóticos.

Em um de seus discursos, Omar deixou claro que lutaria com todas as forças contra aqueles que de alguma forma arruinaram o povo afegão. Embora essa atitude denote boas intenções, o elemento violência com a “benção” da religião foi um traço marcante na postura do Talibã imposta ao seu próprio povo (RUNION, 2007).

Diante disso, podemos notar uma clara contradição na postura adotada pelo líder do Talibã, uma vez que durante seu comando, o Afeganistão presenciou censuras à música e à televisão, graves violações aos direitos humanos, forte opressão e isolamento sofrido pelas mulheres, sendo estas, proibidas de trabalhar. Todas essas atitudes seguiram em direção opostas à esperança e liberdade almejada pelo povo afegão e pregada pelo Talibã. Em outras palavras, Omar direcionou a guerra contra a sua própria sociedade.

Em 1996, o Talibã já dominava cerca de 95% das cidades afegãs, sendo o período sob a gerência do grupo (1996-2001) um dos mais obscuros da história do Afeganistão, com apenas o Paquistão, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos o reconhecendo diplomaticamente (RUNION, 2007).

Como demonstração de poder frente à população, essa época é marcada por assassinatos de líderes políticos e perseguições contra aqueles que se opunham à fé islâmica (RUNION, 2007). Prova disso foi o chamado massacre de Mazari Sharif, ocorrido em agosto de 1998, sendo considerado como a mais severa intolerância civil sofrida pelo povo afegão, ocasionando morte de milhares de cidadãos.

Curiosamente, esse momento de violência vivido no Afeganistão sob a regência do Talibã, pode ser relacionado diretamente com a chegada de Osama bin Laden ao país. Fugindo da forte fiscalização do governo saudita, o líder da organização Al-Qaeda, aproximou-se do Talibã com a necessidade de manter ativo seus campos de treinamentos e recrutamentos de terroristas. Alguns desses centros de preparos eram especializados na formação de espiões que enviados ao Ocidente, produziam informações de interesse à Bin Laden (RUNION, 2007).

O fácil acolhimento de Bin Laden pelo Talibã é favorecido pela riqueza do saudita, por ambos praticarem o Islã em sua maneira fundamentalista e partilhar da mesma opinião quando o assunto era o Ocidente. Uma das primeiras ações de Bin Laden no

Afeganistão foi declarar a *Jihad*¹⁶ contra a Arábia Saudita e os EUA. Em suas próprias palavras, o saudita concedia um lugar especial para os que participavam da *Jihad* e que apenas um dia no Afeganistão, significaria mil dias de orações em qualquer mesquita (VISACRO, 2009).

Assim, Bin Laden rapidamente conscientizou os muçulmanos que seu dever restringia-se na eliminação do povo norte-americano e todos os seus aliados. Sabiamente, Osama bin Laden aproveitou-se das péssimas condições econômicas e sociais suportadas pela maioria da população afegã, em especial das frustrações e falta de expectativas dos jovens. Isso possibilitou um cenário favorável para a cooptação de combatentes para as fileiras terroristas e no incentivo ainda maior na luta contra os EUA.

Ademais, a escolha do Afeganistão pelo líder da Al-Qaeda como reduto propício aos interesses e atividades de sua organização, pode ser explicada pela ausência do poder do Estado; pela falta de unidade nacional impulsionada e agravada pela fragmentação da população; pelo histórico de guerras e conflitos internos; bem como pela riqueza proveniente de práticas ilegais, como a produção do ópio e contrabando de armamentos.

Desse modo, dentre os diversos atentados promovidos pela Al-Qaeda no mundo, estão os realizados em 11 de setembro de 2001. Na ocasião, Osama bin Laden presumia que um ataque aos EUA levariam as forças de Washington para o mesmo cenário de guerra irregular experimentado pela ex-União Soviética. Ele acreditava que mais uma vez os muçulmanos sairiam vitoriosos, tal qual a guerrilha islâmica ao superar e fustigar as tropas soviéticas em um passado recente.

¹⁶ Considerado o dever religioso dos muçulmanos em defender o Islã através de luta contra os infiéis e inimigos do Islã inserir nota de rodapé (VISACRO, 2009).

3.3 O PLANEJAMENTO E A EXECUÇÃO

O filósofo grego Heráclito (c. 550-480 a.C.) entendia que é por meio de um conflito que são expostas as diferenças entre o justo e o injusto e entre o bem e o mal. Assim, o então presidente dos EUA, George W. Bush (1946-), pode ter se inspirado no Pai da Dialética como forma de amparar sua decisão para a ofensiva militar no Afeganistão.

Mediante a narrativa controlada de Washington, ao regime Teocrático do Talibã foi imputado o *status* de inimigo, decorrente do constante abrigo prestado aos membros da organização terrorista Al-Qaeda, e de seu líder Osama bin Laden. Diante disso, os EUA tinham a necessidade de responder prontamente aos atentados, para que não houvesse especulação quanto à fragilidade do poderio norte-americano. Nesses termos, um ataque ao Afeganistão estaria de acordo com a estratégia estadunidense de redesenhar o mapa político para o Oriente Médio. Então, em 20 de setembro de 2001, a Casa Branca oficializa a chamada “Guerra Global Contra o Terror”.

A partir daí, o governo dos EUA estabeleceu quatro componentes principais como partes integrantes de sua estratégia emergencial. O primeiro visava um esforço militar contra os autores dos atentados de 11 de setembro. Em seguida seria ampliar as investidas contra Estados que abrigavam ou apoiavam terroristas. O terceiro, focado na formação de uma aliança mundial contra o terrorismo. E o último, direcionado para o investimento maciço no desenvolvimento de novas medidas de segurança doméstica (LAMBETH, 2005).

Resguardada pela forte opinião pública norte-americana e internacional, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) invocou pela primeira vez desde sua criação o seu artigo V¹⁷, referente à cláusula de defesa mútua entre seus membros. Dessa maneira, visava elevar o nível de segurança nos países aliados.

17 O artigo V da Carta da OTAN estipula que um ataque armado contra qualquer aliado será considerado um ataque contra todos. Compromete a OTAN a tomar todas as medidas necessárias, incluindo a uso da força, para restaurar a segurança (LAMBETH, 2005).

Além do total patrocínio recebido da OTAN, Washington contou com a benevolência de alguns países, dentre eles: Rússia, Uzbequistão e Tadjiquistão. A Arábia Saudita cedeu sua base aérea de *Prince Sultan Air Base* (PSAB) para o estabelecimento do Centro de Operações Aéreas Combinadas (CAOC), o que possibilitou uma perfeita coordenação e integração das operações aéreas da Coalizão (LAMBETH, 2005).

Em contrapartida, Islamabad foi pressionada pelos EUA a prover o apoio logístico e informações para as atividades de inteligência necessárias ao combate. Bases paquistanesas serviram de suporte tanto para as tropas das Forças de Operações Especiais¹⁸ dos EUA (U.S. SOF), quanto aos helicópteros de busca e salvamento norte-americanos (LAMBETH, 2005). A utilização do espaço aéreo do Paquistão para o trânsito de aeronaves da Coalizão e a necessidade de interrupção na cadeia de suprimentos, principalmente o de combustíveis, impactaram gravemente na estrutura organizacional de combate da aliança Talibã x Al-Qaeda.

George W. Bush, ao referir-se à atuação das Forças Armadas dos EUA, deixou claro que as ações estariam cuidadosamente direcionadas para os seguintes objetivos: impedir que o Afeganistão operasse como uma base de apoio às operações terroristas e eliminar a capacidade militar do Talibã.

Isso fica comprovado na maciça promoção de operações psicológicas utilizadas por Washington, para fornecer meios capazes de justificar que os EUA não eram contra os muçulmanos, mas sim contra o Talibã. Outras medidas diplomáticas foram exploradas pela Casa Branca, que por meio de assistências humanitárias ao povo afegão, buscou evitar uma repulsão antiamericana ainda maior no mundo islâmico.

Desta forma, em 07 de outubro de 2001, foi iniciada a Operação *Enduring Freedom* (LAMBETH, 2005). Agora, a intervenção no Afeganistão pelas Forças da Coalizão

¹⁸ Militares integrantes do Comando de Operações Especiais dos EUA (USSOCOM). Como parte de sua missão, está a de conduzir operações e atividades especiais globais como parte da Força Conjunta, contra atores estatais e não estatais para proteger e promover políticas e os objetivos dos EUA. Disponível em: <<https://www.socom.mil/about>>. Acesso em 12 jul. 2020.

lideradas pelos EUA, traduziria a resposta militar norte-americana aos atentados terroristas ocorridos em solo estadunidenses, em 11 de setembro daquele ano. Mas com quais meios os considerados “inimigos do Ocidente” combateriam? Que tipo de guerra, estaria sendo desencadeada?

Tão logo iniciada a Operação *Enduring Freedom*, a Força Talibã possuía em torno de 45.000 combatentes (LAMBETH, 2005). A maior parte de seus meios era composta por blindados herdados da ocupação soviética de 1979, os quais operavam com grandes restrições fruto da falta de manutenção e de sua obsolescência.

Seus armamentos baseavam-se em foguetes Katyusha, metralhadoras e morteiros, os quais em sua maioria foram fornecidas por Osama bin Laden. Mísseis *Scud*¹⁹ de curto alcance também completavam seu arsenal (LAMBETH, 2005).

O componente aéreo Talibã dispunha de aproximadamente 80 helicópteros e dos poucos aviões que possuía, grande parte encontravam-se inoperante (LAMBETH, 2005). O reduzido número de pilotos qualificados e disponíveis para operar essas aeronaves, não permitia ao Talibã ser considerada uma ameaça aérea frente ao poderio da Coalizão. Todavia, a preocupação norte-americana consistia na possibilidade de que esses meios pudessem ser carregados com explosivos e posteriormente empregados em eventuais ataques às tropas dos EUA em terra.

Apesar de possuir uma Força limitada em termos materiais, o Talibã e a Al-Qaeda creditavam seu sucesso aos fatores intangíveis²⁰ de sua tropa, muito pelo fato de seus combatentes acreditarem na causa para a qual lutavam. Desta maneira, tentaram compensar por meio da moral e da vontade de lutar boa parte de suas deficiências organizacionais e bélicas. No entanto, a realidade provou o contrário, que pode ser justificada pela

19 Míssil balístico de origem soviética, confiável, baixo custo e amplamente empregado em diversas partes do mundo desde os anos de 1960. Rússia Beyond. IÚRI OSSÓKIN. 2014. Disponível em: <https://br.rbth.com/ciencia/2014/07/21/scud_um_missil_destinado_a_clonagem_universal_26511>. Acesso em 11 jun. de 2020.

20 Dentre os elementos intangíveis das forças, entre outros, podemos citar: qualidade da liderança; apoio da opinião pública; vontade de luta; coesão da aliança; e moral e disciplina (BRASIL, 2012).

fragmentação étnica e tribal, em que muitos integrantes do Talibã decidiram por abandonar o conflito antes mesmo de lutar.

Confiando que a característica geográfica do terreno afegão seria sua aliada, Bin Laden empenhou-se em instigar os EUA para um cenário de atrição. Presumindo que a partir desta postura, as Forças da Coalizão experimentariam o mesmo fracasso britânico e soviético vivenciado no Afeganistão durante os séculos XIX e XX, respectivamente.

Durante a fase de planejamento da Operação *Enduring Freedom*, a intenção dos EUA seria realizar incursões de tropas terrestres por helicópteros partindo do Paquistão. Porém, em razão do caráter de urgência atribuído ao início da campanha e a demora do Paquistão em oficializar seu apoio à Casa Branca, o planejamento norte-americano foi revisto (LAMBETH, 2005).

Diante disso, Washington decidiu priorizar o emprego do seu Poder Aéreo em proveito dos combatentes da Aliança do Norte²¹ que operavam a partir de terra (LAMBETH, 2005). Por meio de intensas negociações, a Casa Branca buscou aproximação com este grupo, a fim de facilitar o colapso do Talibã e da rede Al-Qaeda e consequentemente contribuir para o menor desgaste possível das tropas da Coalizão. Então, a preocupação norte-americana concorreu para que os elementos da Aliança do Norte não fossem atingidos por fogo amigo. Deste modo, evitaria o desgaste das boas relações entre as partes, cuja integração era essencial para o sucesso da campanha.

Minutos antes das primeiras bombas atingirem seus alvos, aeronaves da Coalizão lançaram em solo afegão milhares de alimentos e medicamentos, de modo a atender às necessidades básicas dos futuros refugiados. Soma-se a isso, a distribuição de folhetos e mensagens divulgadas em rádios que traziam explicações sobre as intenções dos EUA para a ofensiva militar, deixando claro que o conflito não era contra os muçulmanos e sim contra o

²¹ A Aliança do Norte era a principal força de oposição armada ao regime do Talibã. Controlava 11 províncias, representando cerca de 10% do território afegão e abrigava, aproximadamente, um terço da população do país (VISACRO, 2009).

regime totalitário do Talibã (LAMBETH, 2005).

Os primeiros ataques aliados contra alvos do Talibã no Afeganistão foram efetuados pelos bombardeiros B-1B e B-52 da Força Aérea dos EUA (USAF), os quais operavam a partir da ilha britânica de Diego Garcia no Oceano Índico. As aeronaves de interceptação e ataque F-14 e F/A-18 da Marinha dos EUA (U.S. Navy), embarcadas nos porta-aviões de propulsão nuclear USS Enterprise e USS Carl Vinson, que se encontravam no Mar da Arábia, prestavam as escoltas necessárias aos bombardeiros. Além dos ataques aéreos, mísseis Tomahawk lançados de contratorpedeiros e submarinos nucleares, complementavam as ações (LAMBETH, 2005).

Cabe destacar, também, o importante papel da Força Aérea Real (RAF) na realização de grande parte do reabastecimento em voo (REVO). Esse suporte logístico foi fundamental em virtude das grandes distâncias envolvidas entre a área de operação e os aeródromos utilizados pelas vagas atacantes.

A fase inicial da campanha realizada pela Coalizão estava voltada para a conquista e manutenção da superioridade aérea local, sendo os ataques destinados à neutralização das defesas antiaéreas do Talibã. Segundo Benjamin Buley (2008), a ofensiva preliminar da Operação *Enduring Freedom* pode ser considerada como um perfeito exemplo didático de paralisia estratégica das forças do Talibã.

Ratificando o ponto de vista do autor, notaremos que as ações das vagas atacantes dos EUA, foram convergidas contra os sistemas de Alarme Aéreo Antecipado (AEW), sistemas de comando e controle e aeródromos do Talibã, garantindo assim que o Ciclo OODA²² do inimigo fosse seriamente comprometido.

A destruição de lançadores de mísseis Scud ainda na primeira noite de ataque

22 Durante estudos, o Coronel John Boyd, propôs um modelo de decisão estratégica, chamado OODA: (Observação-Orientação-Decisão-Ação), que enfatiza as dimensões morais e mentais do conflito. São combinações de ações variadas e efetuadas com a maior rapidez, para que o inimigo possa ser incapaz de agir. (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

tranquilizou Washington, pois havia o receio de que o Talibã pudesse utilizá-los contra o Paquistão. E de acordo com U.S. *Central Command* (CENTCOM), ao final do segundo dia de bombardeio, as baterias antiaéreas inimigas foram amplamente negadas (LAMBETH, 2005), proporcionando às Forças de Coalizão usufruir da supremacia aérea local.

Em que pese grande parte da infraestrutura militar e de suprimentos inimigos terem sido seriamente danificada, não houve um êxito de imediato para a campanha, pois a maior parte das bases e campos de treinamento da Al-Qaeda tinha sido completamente esvaziada logo após os atentados de 11 de setembro.

No quinto dia de intensos bombardeios, as primeiras cavernas das regiões montanhosas que serviam de abrigo para o pessoal e material da Al-Qaeda foram alvejadas. Posteriormente, helicópteros em perfis de voo baixo, com equipes das U.S.SOF embarcadas e equipadas com câmeras térmicas, designavam cavernas ocupadas para que as aeronaves F-15E e F-16 efetuassem os ataques (LAMBETH, 2005).

Com a declaração do então Secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld (1932-) de que as aeronaves não podiam se “rastejar no solo” para procurar pessoas (LAMBETH, 2005), ocorreu uma significativa alteração do emprego do Poder Aéreo. Então, o ataque realizado pela USAF contra as tropas terrestres inimigas, passou a ser controlado e direcionado por observadores desta Força Aérea em solo, sob a proteção de equipes das U.S. SOF. A intenção dos EUA era iniciar à fase de incursão de tropas em terreno afegão, para que pudessem se incorporar aos combatentes da Aliança do Norte e assim possibilitar a localização das forças adversas.

Em 19 de outubro, finalmente as forças dos EUA infiltram-se no norte do país e, com o auxílio da Aliança do Norte, iniciam os combates terrestres. Enquanto isso, os Talibãs e os terroristas da Al-Qaeda, se evadem em direção ao Paquistão. Com isso, as principais cidades afegãs passavam a ser administradas pela oposição (LAMBETH, 2005).

Nessa nova fase da campanha, o sistema de comando e controle da Coalizão foi extremamente exigido. A preocupação com a coordenação do conjugado terra-ar entre as forças especiais e a força aérea, foi fundamental para o sucesso das ações. O emprego de armas de precisão, com a utilização da *Joint Direct Attack Munition*²³ (JDAM) e a serventia dos *Unmanned Aerial Vehicle*²⁴ (UAV), conhecido como *RQ-1 A Predator*, equipados com mísseis anti-carro guiados a laser, contribuíram para assegurar a proteção de parte das tropas em terra.

Uma pesquisa realizada pela revista norte-americana *Newsweek*, mostrou que após a primeira semana da Operação *Enduring Freedom*, a opinião pública continuava favorável ao posicionamento assumido pelo Presidente Bush quanto às atividades realizadas até o momento. Entretanto, no final do mês de outubro, muitos críticos passaram a questionar se o esforço de guerra estadunidense estava efetivamente proporcionado uma vantagem militar (LAMBETH, 2005).

Em termos, podemos encontrar a seguinte justificativa para a questão. Inicialmente, a expectativa do povo norte-americano para uma retaliação era elevada, contribuindo para uma opinião pública favorável. Posteriormente, com o desenrolar da guerra, pareceres contrários se acentuaram, ao passo que as baixas esperadas nas tropas do Talibã e da Al-Qaeda não tiveram o mesmo efeito se comparados com os significativos danos causados às suas estruturas e instalações.

Então, em dezembro de 2001, o regime do Talibã é destituído pelas Forças da Coalizão coordenada por Washington, e o Afeganistão já não era mais um refúgio confortável para os interesses da Al-Qaeda. Frente a esta realidade, os EUA modificam sua postura.

23 A Munição de Ataque Direto Conjunto (JDAM) é um kit de orientação que converte as bombas não guiadas em munições "inteligentes" guiadas com precisão. Possui um sistema de navegação inercial e um sistema de posicionamento global (GPS), de modo a melhorar a precisão das bombas não guiadas (LAMBETH, 2005).

24 São aeronaves guiadas autonomamente. Transportam uma alguma combinação de sensores, receptores e transmissores eletrônicos. Podem ser utilizados em operações de esclarecimento e/ou ataque. Disponível em: < <https://www.britannica.com/technology/military-aircraft/Unmanned-aerial-vehicles-UAVs>>. Acesso em 12 jul.2020.

Agora, os intensos bombardeios são substituídos pelas ações de poder de polícia e a tarefa da Casa Branca resume-se em conciliar as reivindicações das diferentes tribos e etnias. Outra importante tarefa executada pelos EUA, nessa nova etapa do conflito, foi de prover a segurança necessária para as tropas norte-americanas que se estabeleceram no Afeganistão.

Analisando os dados apresentados, percebemos que o arcabouço proposto pelos EUA para o Afeganistão convergiu para uma combinação sólida entre o Poder Aéreo, através de pesados bombardeios, e as operações por forças especiais. Acrescenta-se a isso, a participação de agentes da *Central Intelligence Agency* (CIA) e de combatentes regionais da Aliança do Norte. Todo esse componente operativo, assegurado por modernos equipamentos militares e operando em uma perfeita sinergia e interoperabilidade, contribuiu para evitar a derrota de mais uma grande potência militar em solo afegão. Ademais, as ações humanitárias realizadas, e o uso discriminado e medido da força por meio de armas inteligentes, concorreram para a solicitude da população afegã perante os EUA.

Analisa Coutau-Bégarie (2010), que outro fator significativo a se tornar uma aliada norte-americana foi a geografia afegã. A escassa vegetação somada as grandes áreas desérticas do país não propiciou a camuflagem desejada pelo inimigo. E as poucas nuvens existentes durante o período da campanha contribuiu para o sucesso das operações aéreas e possibilitou uma infiltração segura às equipes das U.S. SOF.

Cabe salientar que, antes do início do conflito, os integrantes da Al-Qaeda acreditavam estar protegidos pelas inúmeras cavernas do Afeganistão e pelos fanáticos membros do Talibã. Provavelmente, a degradação do poder combatente desses terroristas, pode ser também corroborada pelo fato de não estarem habituados a assumir uma postura defensiva. Em oposição, estavam os soldados profissionais, bem armados e apoiados, o empenho social dos EUA para com população afegã, e a preponderante participação da Aliança do Norte, que enxergou na Coalizão a grande oportunidade para derrubar seu inimigo.

Todo esse cenário pode ter contribuído para maximizar o grande desequilíbrio de força entre as partes beligerantes do conflito.

Por fim, a resposta militar norte-americana referente aos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, possibilitou aos EUA reafirmar seu protagonismo como uma potência no cenário global. Ainda que, por intermédio de uma rápida reação política e militar, diante de um inimigo imperceptível, e em uma área de operação que anteriormente derrotou outros grandes “impérios”, o sucesso creditado à Operação *Enduring Freedom*, pode ter sido seriamente impactado pela não captura de Osama bin Laden e de outros importantes membros da rede Al-Qaeda.

4 A TEORIA E O SEU RESULTADO

Neste capítulo indicaremos a diferença entre dissuasão e coerção para melhor compreender a manifestação militar desta última. Destacaremos também, o importante papel do Poder Aéreo além das características mais relevantes da Teoria de Coerção de Robert A. Pape, para em seguida, confrontar seus conceitos com as ações norte-americanas durante o conflito no Afeganistão.

4.1 A TEORIA DE COERÇÃO DE PAPE

Para Pape (1996), a coerção corresponde aos esforços necessários para modificar o comportamento de um estado mediante a manipulação de custos e benefícios. Já na dissuasão, o interesse consiste em manter o *status quo* do oponente, desencorajando-o a alterar o seu comportamento.

Em uma rápida análise, partindo da vantagem auferida durante o processo decisório entre as partes em disputa, permite interpretarmos o comportamento como o objeto principal de estudo dos dois conceitos. Enquanto a coerção tem seu foco central baseado na imposição de uma conduta, para a dissuasão, o propósito se remete a conter ou reprimir qualquer tipo de atitude do adversário.

O autor ainda argumenta que, apesar da diferença existente entre os dois princípios, há uma linha tênue entre eles (PAPE, 1996). O antagonismo está no fato de a coerção ser algo mais custoso em se alcançar. A natureza intrínseca do ser humano justifica a afirmação, visto que alterar um *status* requer um esforço visivelmente superior a mantê-lo. Entretanto, a similaridade torna-se aparente ao analisarmos que: ao mesmo tempo em que o coator espera forçar o estado alvo a mudar sua atitude, o alvo pode também impedir que o coator execute a ameaça. Melhor dizendo, a vítima coagida assume, nesse caso, o papel de dissuasor. Em suma, a dissuasão tem por finalidade evitar o conflito, enquanto a coerção é

perseguida uma vez que o conflito tenha sido declarado.

Apesar da coerção se manifestar em diferentes campos de atuação, Pape direciona sua observação à ótica da coerção militar para melhor entendimento teórico, político e moral dos principais conflitos internacionais. Esse tipo de expressão recorre ao emprego da força ou a ameaça desta, para alterar a conduta de outros atores (PAPE, 1996). Logo, a razão entre o custo e benefício pode ser conquistada por intermédio do método mais extremo, em que graves consequências são impostas às partes envolvidas. Diante disso, podemos nos questionar como correlacionar a guerra com a coerção militar?

Frente a tal questionamento, recorreremos ao posicionamento de Carl von Clausewitz (1790-1831) referente à guerra. Ele a define como um ato de violência com que se pretende obrigar o oponente a acatar nossa vontade (BONANATE, 2001). Nessa visão, adotando o emprego da violência como elemento central da pesquisa, compreenderemos que somente após o enfrentamento entre as forças conflitantes é que será possível o lado vitorioso impor suas demandas ao inimigo.

Em tese, tanto a guerra quanto a coerção militar, fazem uso da força para alterar o comportamento do outro ator. Com ressalva para esta, onde a força pode ser aplicada em sua forma real ou potencial na busca do objetivo proposto. Na coerção militar, não podemos nos privar de enfatizar que o resultado necessita ser alcançado sem, no entanto, submeter seu oponente à condição de sofrimento exacerbado. Em outras palavras, é dada a possibilidade de escolha para coagido, ou melhor, será facultado o chamado poder de barganha²⁵ entre as partes. Já na guerra, não há outra opção a não ser assumir a sanção imposta pela parte vitoriosa.

Como resultado, concluímos que a coerção militar e a guerra procuram alcançar os mesmos propósitos, porém a um custo menor para ambas as partes. Enquanto o coator

25 É o poder da troca, da permuta. É o poder nas negociações, onde por meio de pressões, o resultado é fazer valer uma situação favorável para si. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=poder+de+barganha>>. Acesso em 22 jul. 2020.

espera obter concessões sem ter que pagar o preço de uma vitória militar, o coagido pode perceber que aceitar as imposições do agressor será menos custoso que lutar até o fim.

Pape indica que a coerção militar aborda dois ensaios: o fracasso e o sucesso. Em suas palavras, a coerção falha em três ocasiões. Na primeira, o coator interrompe suas ações militares antes que o alvo conceda; na segunda, as ações continuam, porém o alvo não consente; e no último ensaio, o coator impõe sua demanda somente após a completa derrota do adversário.

À vista disso, como mensurar o mérito concreto de um sucesso coercitivo? Inicialmente, partiremos da indagação de Pape, em que o autor tenciona compreender o motivo pelo qual alguns atores decidem mudar seu comportamento, quando ameaçados militarmente, e outros não.

Em sua reflexão, Pape pressupõe existir quatro grandes abordagens, a saber. A primeira é o denominado balanço de determinação, onde o lado com maior reputação prevalecerá na disputa. Na segunda, Pape chama de balanço de interesse e considera que triunfará o ator que atribuir maior relevância ao embate. Na terceira, a ênfase é direcionada aos danos causados à população. Nesta abordagem, cederá primeiro a parte que levar em consideração as penalidades impostas a seus cidadãos. Na quarta ótica, Pape aponta para o balanço de forças, em que o lado mais fraco militarmente, modificará seu comportamento de acordo com a demanda do mais forte.

Segundo Pape, as quatro concepções tornam-se deficientes e incompletas caso sejam analisadas isoladamente. Com o objetivo de mitigar a fragilidade desses conceitos, o autor opta pelo estudo das campanhas aéreas realizadas ao longo do século XX, e após observações, argumenta que o Poder Aéreo consiste no instrumento mais significativo de coerção militar. Assim sendo, Robert Pape utiliza este Poder como o meio principal de execução para a sua denominada teoria de coerção, a qual se apresenta sob três modalidades:

punição, risco e interdição.

Antes de desenvolvermos cada uma das modalidades, destacamos que a coerção concentra-se em forçar o adversário a uma ação mediante uma manipulação na relação entre custo e benefício original. Dessa forma, é preponderante considerar três indicadores para alcançarmos seu propósito: o tempo, o alvo e o tipo de munição utilizada.

Na punição as ações são direcionadas para o aumento nos custos de resistências. Os alvos são áreas econômicas, de infraestrutura, centros urbanos e residenciais. O emprego de bombas incendiárias justifica o propósito na busca pela destruição, com as atividades desenvolvidas para maximizar os efeitos de choque, concorrendo assim, para a desestabilização social e o enfraquecimento do governo local (PAPE, 1996).

A campanha de risco visa aumentar a probabilidade do custo a ser suportado. Possui os mesmos objetivos que a punição, sobretudo quanto aos alvos. Porém, a ofensiva progride de modo seletivo e gradual, com as ações se estendendo em um intervalo de tempo maior. Nesses termos, o risco pode ser definido como a punição dilatada, evitando custos futuros e possibilitando que haja um tempo disponível para comunicações entre as partes (PAPE, 1996).

A interdição tem como objetivo reduzir a expectativa de um benefício que poderia ser retirado de uma resistência. Os alvos militares serão os prioritários a fim de impedir o oponente de conduzir suas operações previstas. As ações estarão orientadas contra as forças combatentes; instalações logísticas e sistemas de comando e controle; fábricas de munição e armamentos; e matérias-primas que porventura possam ser empregadas no esforço de guerra do inimigo. Nessas ações, serão empregadas armas de precisão, privilegiando as armas explosivas às incendiárias. A concentração de forças é fundamental, pois a realização de ataques contínuos influenciará sensivelmente na capacidade militar do adversário (PAPE, 1996).

Pape ainda afirma que a interdição pode ser obtida através de três métodos de aplicação do Poder Aéreo. No primeiro são executadas ações para propiciar o apoio direto às tropas em terra. No segundo método, as operações aéreas são realizadas com a finalidade de destruir e/ou neutralizar a sustentação logística do inimigo, isolando-o de materiais e equipamentos vitais para o combate. E, por fim, na terceira categoria, Pape conceitua que o papel da campanha aérea é proporcionar uma paralisia estratégica ao adversário, deteriorando o seu processo decisório. Essas ações visam à redução da capacidade de mobilidade e coordenação das forças oponentes no Teatro de Operações.

Isso posto, depreendemos que a teoria coercitiva de Pape pode se apresentar conforme três mecanismos, sendo o Poder Aéreo, o instrumento principal para sua concretização. Na fase de planejamento e execução desta campanha, o uso da força será aplicado no tempo necessário contra alvos militares ou civis pré-selecionados a fim de contribuir para o consentimento ou a resignação do inimigo, antes que ele seja prostrado militarmente. Sendo assim, o ataque ao Afeganistão realizado pelos EUA, como resposta ao atentado de 11 de setembro de 2001, teria aderência à Teoria da “Coerção” de Pape?

4.2 SIMILARIDADES À TEORIA DE COERÇÃO DE PAPE

Identificamos como a primeira ação coercitiva dos EUA, mediante o uso potencial da força, a pressão exercida sobre o regime do Talibã para que este alterasse sua postura e, por conseguinte, entregasse Osama bin Laden ao governo estadunidense. Frente à recusa, e confiante nas concessões e renúncia do inimigo, Washington decide pelo emprego da força no Afeganistão através da Operação *Enduring Freedom*.

Na fase inicial da campanha militar, o Poder Aéreo da Coalizão foi amplamente empregado para o apoio aos elementos da Aliança do Norte em terra e para neutralizar e/ou destruir alvos militares do inimigo. O amaciamento do terreno também foi preponderante para

o enfraquecimento dos combatentes da aliança Talibã x Al-Qaeda possibilitando a infiltração das forças terrestre dos EUA. Todas essas ações visavam a derrubada do regime do Talibã e a captura de Bin Laden.

As armas inteligentes e de alta precisão permitiram que os ataques fossem direcionados exclusivamente às estruturas militares do Talibã e da Al-Qaeda. Essa postura assumida comprometeu expressivamente a organização, o abastecimento e a coordenação inimiga. Isso fica evidente ao observarmos que os engajamentos norte-americanos dirigiram-se às instalações e infraestruturas militares; sistemas de comando e controle; campos de treinamento e recrutamento de terroristas; pistas de pouso; e defesa antiaérea. Essa atitude deixou claro o papel da Casa Branca em preservar a população civil e ao mesmo tempo reduzir os custos de sofrimento dos afegãos. Soma-se ainda a intensa diplomacia executada com ênfase nas atividades humanitárias visando os não combatentes consumidos pelo conflito.

Outra atuação indireta, porém de destaque dos EUA, está nas negociações com Islamabad no sentido de interromper o fluxo de materiais e combustíveis pela fronteira com o Afeganistão, com objetivo de comprometer as atividades logísticas e o esforço de guerra do oponente.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho se propôs a analisar o ataque ao Afeganistão realizado pelos EUA, entre os meses de outubro a dezembro de 2001, em resposta ao atentado de 11 de setembro. Para melhor compreensão, os argumentos apresentados buscaram elucidar e identificar se a campanha militar estadunidense desenvolveu-se em consonância com a Teoria de Coerção de Robert A. Pape.

A fim de direcionar o pensamento para os elementos mais relevantes à questão proposta, verificamos que Pape apresenta sua teoria de coerção sob três modalidades, a saber: punição, risco e interdição. As diferenças entre elas estão pontualmente associadas ao período de tempo em que as ações se processam; na discriminação durante a seleção de alvos de interesse (civil ou militar); e no tipo de munição a ser empregada durante a ofensiva militar. O autor considera, ainda, que o Poder Aéreo é o instrumento preponderante neste tipo de estratégia.

Segundo Pape, a coerção tem como objetivo alterar o comportamento do inimigo, mediante a razão entre custo e benefício imposta à sua condição original. Para que isso se concretize, a força poderá ser aplicada em sua forma real ou potencial. Desta forma, a renúncia ou o consentimento do oponente é conquistado à medida que ele esteja esgotado militarmente.

Assim sendo, é possível identificar que a ofensiva militar norte-americana ao Afeganistão, entre os meses de outubro a dezembro de 2001, tem aderência à teoria de coerção de Robert A. Pape sob a forma de interdição. Fundamentamos nossas argumentações por meio das seguintes observações: a importância atribuída ao Poder Aéreo pelas Forças norte-americanas durante a campanha; a distinção na seleção e ataques dos alvos a serem neutralizados e/ou destruídos; e no tipo de munição empregada durante os ataques. Além disso, enfatizamos que os militantes do Talibã e da Al-Qaeda ao evadirem-se em direção ao

Paquistão, deixou evidente a abdicação ao combate antes que fossem aniquilados militarmente pelas tropas estadunidenses.

Em que pese a campanha militar norte-americana no Afeganistão ter apresentado completa sintonia com a teoria de coerção de Pape, é importante destacar que, se porventura o Poder Aéreo atuasse por si só, provavelmente o êxito esperado na operação não pudesse ser alcançado. Nesses termos, apontamos que perfeita sinergia e o alto grau de interoperabilidade entre os todos os componentes envolvidos transformaram-se em fatores fundamentais para o sucesso das ações.

Inicialmente, evidenciamos o apoio prestado pelo Poder Naval por meio dos porta-aviões da U.S. Navy, USS Enterprise e USS Carl Vinson, que operando a partir do Mar da Arábia, prestavam o suporte necessário às aeronaves embarcadas. Além do mais, contratorpedeiros e submarinos nucleares realizavam o apoio de fogo por meio de mísseis Tomahawk.

A diplomacia empreendida por Washington contribuiu sobremaneira para que as aeronaves fossem desdobradas em bases aéreas na Arábia Saudita, e para a concessão de uso do espaço aéreo paquistanês pelas Forças da Coalizão. Essa articulação viabilizou reduzir a distância entre os aeródromos coligados e o Teatro de Operações. Com isso, foi possível ampliar a permanência das aeronaves durante a fase de execução dos ataques. Soma-se ainda, que o embargo realizado por Islamabad na fronteira com o Afeganistão a materiais destinados ao Talibã e a Al-Qaeda, principalmente o de combustível, impactou significativamente no esforço de guerra desta aliança.

Por sua vez, intensas operações psicológicas foram realizadas por intermédio de ações humanitárias, distribuição de medicamentos e alimentos, bem como pela clara demonstração estadunidense de que a ofensiva não era contra os muçulmanos, mas sim contra aqueles que de alguma forma apoiavam o terrorismo. Tal conjuntura, proporcionou um

cenário de aparente aceitação afegã perante as atitudes da Casa Branca, uma vez que tal população já se encontrava saturada e esgotada por longos períodos de opressão impostos pelo regime totalitarista do Talibã.

Por fim, destacamos a participação de agentes da CIA, que em conjunto com combatentes da Aliança do Norte e elementos de equipes das U.S.SOF, forneceram a sustentação necessária para a identificação e pré-seleção de alvos a serem neutralizados e/ou destruídos pelo Poder Aéreo das Forças da Coalizão, por meio de armas de alta precisão e modernas tecnologias.

Em vista dos argumentos apresentados, concluímos que o Poder Aéreo foi amplamente exigido e empregado de forma coercitiva na ofensiva dos EUA. Entretanto, devemos registrar que para o sucesso desse Poder, houve a necessidade de uma perfeita coordenação e sustentação de outros Poderes Militares, Agências, ações diplomáticas e negociações, sendo todos eles suportados por um grande aparato logísticos para a consecução de suas tarefas específicas.

REFERÊNCIAS

- ALJAZEERA. Beirut wants 'terrorism' defined. 14 jan. 2004. Disponível em <<https://www.aljazeera.com/archive/2004/01/200841010738460226.html>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- BARGANHA. In: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=poder+de+barganha>>. Acesso em: 22 jul. de 2020.
- BEZERRA, Juliana. Cultura Árabe: conheça suas origens e tradições. Toda Matéria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/cultura-arabe/>>. Acesso em: 29 jun.2020.
- BINGEMER, Maria Clara. Lucchetti; BARTOLLO JR., Roberto dos Santos. Violência, crime e castigo. 1 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BONANATE, Luigi. A Guerra. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BRASIL. Escola de Guerra Naval. EGN-601: Manual de Estratégia Operacional. V. 1. Rio de Janeiro, 2012.
- BRITANNICA ESCOLA. Oriente Médio. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Oriente-M%C3%A9dio/481903>>. Acesso em: 29 jun. 2020.
- BULEY, Benjamin. The New American Way of War. Routledge Taylor & Francis Group: Abingdon, Oxon. Nov. 2007.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. 9 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2018.
- CICOVACKI, Predrag. College of the Holy Cross. Worcester, MA, 2020. Disponível em: <<https://www.holycross.edu/academics/programs/philosophy/faculty/predrag-cicovacki>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. Tratado de Estratégia. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.
- DEPARTAMENT OF THE NAVY. Joint Publication 3-07.2. Antiterrorism, 2014.
- DIAS, Reinaldo. Ciência Política. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2013.
- FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. Conheça Manuel Castells. 08 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/noticias/conheca-manuel-castells>> Acesso em: 13 de jun. 2020.
- LAMBETH, Benjamin S. Air Power against Terror: America's Conduct of Operation Enduring Freedom. Santa Monica, CA: Rand, 2005.
- LAQUEUR, Walter. The new Terrorism: fanaticism and the arms of mass destruction. NeW York: Oxford University Press,1999.

MAGNOLI, Demétrio. História das guerras. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MINGST, Karen. A. Princípios de Reações Internacionais. 6 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

OLIVEIRA, Thiago Araújo. Uma reflexão sobre o atual fundamentalismo religioso a partir de Freud. Revista Psicologia Política, São Paulo. v. 19 n. 46, p. 543-555, Set./dez. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000300012> Acesso em: 11 de jun. 2020.

OSSÓKIN, Iúri. Scud, um míssil destinado à clonagem universal. Rússia Beyond. 21 jul. 2014. Disponível em: <https://br.rbth.com/ciencia/2014/07/21/scud_um_missil_destinado_a_clonagem_universal_26511> Acesso em: 11 de jun. de 2020.

PAPE, Robert A. Bombing to Win Air Power and Coercion in War. Cornell University Press: Ithaca; London, 1996.

RAPOPORT, David. C. Terrorism: Critical Concepts in Political Science. Routledge Taylor & Francis Group: New York, 2006.

RUNION, Meredith L. The History of Afghanistan. Westport: Greenwood Press, 2007.

HUNTINGTON, Samuel P. O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial. Objetiva, 1997.

SCHMID, Alex P. The Routledge Handbook Of Terrorism Research. Terrorism and Political Violence, 1 ed. Estados Unidos: Routledge Taylor & Francis Group, 2011.

THE NEW YORK TIMES. A nation challenged; Bin Laden's Statement: 'The Sword Fell'. 08 out. 2001. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/10/08/world/a-nation-challenged-bin-laden-s-statement-the-sword-fell.html>>. Acesso em: 22 de jun. 2020.

UNMANNED AERIAL VEHICLES (UAVs). In: Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/technology/military-aircraft/Unmanned-aerial-vehicles-UAVs>>. Acesso em 12 de jul. 2020.

USSOCOM. Disponível em: <<https://www.socom.mil/about>>. Acesso em: 12 de jul. 2020.

VISACRO, Alessandro. Guerra Irregular: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2009.

ZEITGEIST. In: Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/zeitgeist?q=Zeitgeist>>. Acesso em: 20 de jun. 2020.